

Paulo Reis¹

Ética, Trabalho e Pesquisa na Pós-modernidade

As transformações decorrentes das redes sociais se espalharam por todo o mundo e por todos os setores produtivos. Profundas alterações comportamentais passaram a se efetivar, na medida em que todos passaram a contar com seus apêndices hiperconectados. As relações sócio-políticas entre as pessoas, entre as instituições, entre as organizações e entre os países, foram profunda e definitivamente transformadas. Na verdade, estão, ainda, em profunda e veloz transformação.

Os avanços tecnológicos das TIs são resultado, reflexo, resposta e reação ao próprio movimento e dinâmica da pós-modernidade. A fluidez histórica da ordem das coisas, coloca a todos em um mesmo patamar de (des)orientação. A perspectiva de se imaginar, minimamente, potenciais caminhos futuros, parece distante e improvável. A pressa, compartilhada por todos e as surpresas estonteantes do presente, tornam o olhar para o futuro, uma tarefa tortuosa, não apenas pela complexidade, mas por trazer à reboque, muita ansiedade e frustração.

Ética

A construção da ética, para Aristóteles, observa que toda ação humana, visaria um tipo de bem. Na verdade, um 'bem supremo', que todos desejariam sem exceção: a felicidade. Assim, de forma geral, a ética aristotélica trata dessa construção normativa que foca na moderação e na prudência - espécie de valores fundamentais para este alcance da felicidade. Nessa perspectiva, o indivíduo passa a perceber que a felicidade alheia é, necessariamente, um componente da sua possibilidade de ser feliz. Assim sendo, a ética de Aristóteles, além de observar e investigar a 'construção' do 'bem', observa e investiga a 'construção' do 'indivíduo bom'.

A palavra ética tem origem no grego *éthos* e pode significar 'costume', 'modo de agir', ou ainda, 'propriedade de caráter'. Trata das distintas e permanentes escolhas que fazemos ao longo dos dias e da vida. Trata da forma como um indivíduo se organiza para conseguir viver e interagir em sociedade. Trata, portanto, de um conjunto de 'juízos de valor'. São os parâmetros normativos que utilizamos para guiar nossas ações e reações comportamentais. O dramaturgo irlandês Oscar Wilde, em uma citação que ganhou fama, chama de ética "o conjunto de coisas que as pessoas fazem quando todos estão olhando (...) o conjunto de coisas que as pessoas fazem quando ninguém está olhando chamamos de caráter".

Os valores que 'moldam' o caráter de cada um de nós e se expressam em nossas tomadas-de-decisão, podem ser de ordem estética, política, jurídica, moral e não moral. Aquelas de ordem moral se refletem como liberdade de expressão, honestidade, justiça, família, responsabilidade e respeito.

Com as redes sociais no 'bolso', as relações ganharam outras dimensões. Nos negócios, no comércio, nas interações pessoais, na escola, na igreja, na política. Todo

¹ Como citar: REIS FILHO, Paulo. *Ética, Trabalho e Pesquisa na Pós-modernidade*. Artigos Técnicos. Laboratório de Cenários da Agência UFRJ de Inovação. Ano.3. Vol.33, 2019. Disponível em: http://www.inovacao.ufrj.br/images/vol_33_etica_trabalho_pesquisa_posmodernidade_2019.

o arranjo sistêmico estabelecido mudou de status, tudo está 'em transformação'. É possível verificar no centro destas mudanças uma certa 'fluidez' dos valores individuais. Estes 'valores líquidos' - pós-modernos - que passam a estar mais centrados no 'eu', acabam por desconstruir boa parte das instituições estabelecidas, na medida em que altera a hierarquia de valores envolvidos.

Além de alterar quase todos os tipos de relação social. A evolução das TICs difundiram e democratizaram, não só informações técnico-científicas, como os próprios artefatos oriundos dessa evolução. Dessa forma, teríamos, como civilização, estabelecido uma sociedade densamente orientada para a ciência, tecnologia, informação e conhecimento.

Essa sociedade pós-moderna, traz como característica a ampla interconexão entre os vários entes do globo. Acabando as restrições espaço-temporais e moldando uma grande rede de articulações potenciais – viva, ubíqua, instável, inexata, inconstante e intensa.

Como em Maturama, homem tem necessidade de viver, de vivenciar, de experienciar, seja para conhecer o seu entorno ambiental, seja para conhecer a si mesmo. O conjunto de experiências de um individual, vai permitir que este se aproprie do mundo e se perceba parte integrada. As experiências do indivíduo com o mundo podem ser vistas como relações de trocas – ora sensoriais e sutis, ora físicas e moleculares – trocas de distintas formas de energia. O indivíduo troca e interage, durante todo os seus processos da vida (e mesmo depois dela). Tais trocas representam as ações e reações intelectuais do indivíduo com o mundo material e, desta forma, quando o sujeito obtém e absorve as qualidades e características dessa interação, adquire conhecimento.

(...) enquanto entidade autônoma, É uma rede descontínua de processos circulares de produções moleculares, nas quais as moléculas produzidas constituem, através de suas interações, as redes que as produzem, determinando seu crescimento e existindo apenas enquanto permanecerem assim (MATURANA, 1987, p.39)

A autopoiesis² designa a capacidade de seres vivos se produzirem a si próprios. Assim, um ser vivo é um sistema autopoietico, na medida em que se caracteriza por existir segundo a realização autônoma de uma série contínua de produções e processos moleculares.

Os sistemas autopoieticos ajudam a caracterizar a habilidade de permanente adaptação de um ser vivo às condições (sistêmicas) para a vida. O sistema vivo, assim, por meio da constante interação co o meio, se autorregula e se auto-adapta.

Para entender o ser vivo, o que temos que encarar é o que o faz, o que o constrói. Eu dizia: Qual é a tarefa, ou o propósito da mosca? Mosquear, ser mosca. O interessante é que esta resposta: o propósito da mosca é mosquear, coloca a caracterização do ser vivo no ser vivo, não a coloca fora do ser vivo. Porque esse mosquear não é mosquear aos outros, é mosquear, ser mosca. Estar na dinâmica de ser mosca. E o gato? Gatejar, gatinhar. E o ser humano? Ser

² O termo foi criado (1970) por Francisco Varela e Humberto Maturana - biólogos e filósofos chilenos. De origem grega: *auto* = próprio e *poiesis* = criação.

humano(...) Buscar o ser como unidade na responsabilidade de seu ser (MATURANA, 1997, p.41)

Bioética

Na perspectiva de um mundo todo conectado, a questão de um tipo de ética que abranja todo o globo, parece se tornar urgente. Essa ampla rede de conexões, configura uma situação única e inusitada. O destino da humanidade, face as questões cada vez mais complexas e críticas – do planeta, escancara a interdependência das ações humanas. As ações e reações locais tem grande repercussão global.

Como posto pelo filósofo Diego Garcia Guillén (2009), a problemática em torno da ética no atual contexto, está em dois aspectos (urgentes) de uma mesma questão: a insustentabilidade do padrão de desenvolvimento das nações de economias fortes e estáveis do Norte e a insustentabilidade do subdesenvolvimento das nações de economias fracas e instáveis do Sul. Esta tensão, pela existência de uma vida estável ou pela permanência da vida mínima, só poderá se acalmar pela ampla conscientização de que esta situação paradigmática, diz respeito a todos. Nessa perspectiva, apenas o estabelecimento de uma ética dialógica e consensual pode diminuir esta tensão norte-sul.

A perspectiva de Guillén nos leva à estrutura filosófica da bioética. Para Marlasca (2001, p.14) “a bioética tende a se tornar um fórum para debates e decisões compartilhados e consensuais, em um contexto plural e secular social e ideológico, no qual nenhum grupo cultural tem a priori a última palavra, a solução definitiva”. A conceituação por trás da bioética é, de alguma forma, bem simples e de fácil compreensão: Ou mudamos nossos padrões de comportamento e interação ou todo o sistema vai entrar em colapso. Nada catastrófico, do ponto de vista de sistemas vivos. Em algum momento, as condições, inter-relações e interdependências, acabam por atingir níveis insustentáveis de sobrevivência. Na visão da bioética “todos os participantes podem contribuir com elementos e fazer propostas racionais até atingirem uma ética de mínimos, ou a decisões, mesmo que sejam muito básicos compartilhados por todos, ou pelo menos pela maioria.”

Baseado em Marlasca (2001) a bioética pode ser delineada pela seguinte lista de abordagens:

- 1) Tópicos que têm a ver com a reprodução humana: controle de natalidade, aborto, inseminação artificial, fertilização in vitro, manuseio de gametas e embriões, maternidade substituta, clonagem, diagnóstico pré-natal, consultas genéticas, terapia gênica, eugenia e esterilização;
- 2) Intervenções no patrimônio genético: manipulação do DNA humano e não humano; projeto genoma humano;
- 3) Intervenções que têm a ver com o fim da vida humana: cuidados com os doentes terminais, obstinação terapêutica, eutanásia em suas várias modalidades, suicídio assistido, etc.;
- 4) Manipulação do corpo humano e seus órgãos: transplante de órgãos, enxertos e próteses;
- 5) Manipulação de comportamento e personalidade: neurocirurgia, modificações de comportamento por meios elétricos, produtos químicos, psicotrópicos, etc.;

- 6) Manipulação de seres vivos não-humanos e meios de comunicação: plantas e alimentos transgênicos, experimentos com animais, armas biológicas, etc.;
- 7) Experimentação com seres humanos e seus germes: gametas e embriões humanos;
- 8) Problemas causados pelos modernos tecnologias em nosso habitat natural: ecologia e ética ambiental, superpopulação humana, destruição de certas espécies, etc.;
- 9) Problemas com a distribuição justa e equitativa dos recursos de saúde: tais recursos são sempre escassos no amplo campo da saúde sócio-comunitária, face às necessidades cada vez mais crescentes e cada vez mais difíceis de satisfazer, mesmo do ponto de vista puramente econômico. (MARLASCA, 2001, p.12-13)

Por mais que possa parecer muito técnico ou específico da área médica, na verdade, diz respeito à todos nós. Estas colocações, quando somadas às questões da hiperconexão e dos aparatos bio-robóticos, delineia um quadro que, cada vez mais, impacta nosso dia-dia. A perspectiva da bio-ética, de alguma forma, ajuda a trazer e a delinear a estrutura construtiva, dessa, necessária, ética global.

Em um sentido estrito, então não há contradição entre o sistema e a comunidade à qual pertence e contribui para integrar. Ou seja, no caso do social, o que eu digo é que os indivíduos em suas interações constituem o social, mas o social é o meio em que estes indivíduos se realizam como indivíduos. Em sentido estrito, portanto, não há contradição entre o individual e o social, porque são mutuamente gerativos. (MATURANA, 1997, p.43)

Ética no Cotidiano

Para Aristóteles, o ser humano pode ser visto como um animal político - *zoón politikón*, o qual, para bem sobreviver, deveria empreender ações e atitudes, na dimensão da razão e da socialização. Essa política, oriunda da tensão entre estas duas dimensões, seria a chave para uma convivência em sociedade, pacífica e construtiva.

Este homem – ser político ativo – ao exercer suas habilidades e capacidades, se torna um ator da história e trajetória de sua cidadania.

Sendo a cidadania o conjunto de direitos e deveres exercidos por este homem político, quando vivendo em sociedade, cabe a ele usar e usufruir, ao mesmo tempo que cuidar e manter. Existiria, assim, uma possibilidade ou poder para agir de forma a interferir e transformar o contexto social.

Vale apontar que esta tarefa fica, cada vez mais importante, ao passo que fica cada vez mais complexa e tensa, como coloca Trasferetti (2006):

A existência das contradições entre riqueza e pobreza, avanços tecnológicos, exclusão digital e ignorância social gera um escândalo moral jamais visto. A ética do sucesso continua reinando em muitas mentalidades e ações sociais. O mais importante é levar vantagem em tudo. Não importam os graves problemas sociais, a crise ambiental, as desigualdades regionais, o acúmulo de capital, a violência, o preconceito social e tantos outros males que afetam os seres vivos. Essa crise social também se manifesta na política, através de corrupção, clientelismo, autoritarismo, oportunismo e

tantas outras práticas de abuso de poder e ganância irresponsável. O sujeito inteligente é o ‘esperto’, o bom ‘empreendedor’, aquele que sabe ‘levar vantagem’ em suas ações, custe o que custar. A mídia normalmente reforça esse tipo de mentalidade. São muitos os exemplos condecorados pela telinha eletrônica (TRASFERETTI, 2006, p.95)

Além da ocupação de espaço – físico e virtual – na cidade, a construção da cidadania, hoje, envolve, necessariamente, as perspectivas macro-ambientais do planeta. No entanto, como apontava o geógrafo Milton Santos, ao longo das últimas décadas o cidadão tornou-se ‘consumidor’, e isso aumenta, mais ainda a tensão em que vive este homem político – entre as forças de pressão da razão e da socialização – na construção das relações constitutivas da cidadania. Assim, a cidadania é fruto de uma condição política e ética. Envolve reflexão, senso crítico, autonomia e responsabilidade.

(...) agir responsabilmente sob o ponto de vista pessoal e social no quadro das sociedades modernas que se querem abertas e democráticas (...). Aqui se privilegia a vertente axiológica, de forma a agir no quadro de uma ética da responsabilidade, solidariedade e tolerância. Saber lidar adequadamente com diferenças culturais e de gêneros passa por aqui, bem como a sensibilização para a importante vertente do desenvolvimento sustentável(...). Trata-se de desafiar o atual sentido da globalização (...) que deve também incorporar a globalização, da liberdade, da justiça e da solidariedade (CACHAPUZ, SÁ-CHAVES & PAIXÃO, 2004, p.29)

A ética tem sido uma questão de destaque, nesses tempos onde as *fakenews* tem dominado os noticiários. O novo paradigma, em construção, extremamente centrado na espetacularização de todas as facetas das rotinas humanas, parece ter como atores norteadores, aqueles indivíduos que melhor sabem lidar – influenciar e manipular – as estruturas das redes midiáticas.

De certa forma, estes indivíduos, se apresentam, se comportam e se parecem com os atores profissionais. Estes maestros midiáticos, vão agir, falar e se comportar, da maneira como os dados indicarem. Sejam eles atores de verdade, políticos, esportistas, estrelas de rock ou influenciador digital, estes indivíduos têm ajudado a conformar o novo contexto e, por conseguinte, a desorientar, mais ainda, as normas e estruturas, antes (relativamente) organizadas.

(...) nos posicionando sobre concepções de sociedade, de cidadania, de ética, e de justiça, bem como sobre educação popular e movimentos sociais, desigualdade e exclusão social. (...) falar que o ser da participação é definido fora dele, na sociedade, e que, portanto, varia historicamente, não é afirmar que a participação está fora do indivíduo, independente da subjetividade e que é, ontologicamente, um fenômeno objetivo. (...) o ser da participação é definido na sociedade e na subjetividade. (...) o ato de participação do sujeito é determinado pelos modelos dominantes de participação social, mas é organizado num contexto de subjetividade como experiência existencial, impregnada de emotividade (SAWAIA, 2001, p.120-123)

Referências

- ARISTÓTELES, Polítca. In: Os Pensadores. Aristóteles – Vida e Obra. SP: Nova Cultura, 2000.
- ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Ross. SP: Nova Cultural, 1991.
- CACHAPUZ, A.; SÁ-CHAVES, I.; PAIXÃO, F. Saberes básicos de todos os cidadãos no século XXI. Lisboa: Conselho Nacional de Educação–Ministério da Educação, 2004.
- GUILLÉN, Diego Gracia. *La deliberación moral: el papel de las metodologías en ética clínica*. Madrid: Universidad Complutense, 2009.
- MARLASCA, Antonio. *Introducción a la bioética*. Heredia: Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Nacional, 2001.
- MATURANA, H. A Biologia do Conhecer: sua origens e implicações. In: MAGRO, C., GRACIANO, M. & VAZ, N. (Org.) Humberto Maturana. A Ontologia da realidade. BH: Editora da UFMG, 1997. p.31-52.
- MATURANA, H. Funções de representação e comunicação. In: GARCIA, C. (Org.) Um novo paradigma: em ciências humanas, física e biologia. BH: UFMG-Proed, 1987. p.23-52.
- SAWAIA, B.B. Participação social e subjetividade. In: Sorrentino, M. (coord.) Ambientalismo e participação na contemporaneidade. S.P.: Educ/Fapesp, 2001.
- TRASFERETTI, J. Ética e responsabilidade social. Campinas, SP: Editora Alínea, 2006.